



Editorial

Como passa o tempo! Custa a crer que o fim da primeira metade de 2011 se aproxima a passos largos, o que nos diz que é mais que chegada a altura para a nossa primeira *Grudisletter* do ano.

Esta *Grudisletter* traz-nos conteúdos que são de interesse alargado dentro da comunidade *Grudis*. Talvez realce o artigo assinado pelo Joel Vicente, que de forma simples e directa levanta o véu sobre o mundo da linguagem XBRL no contexto do relato financeiro. Recentemente, discutiu-se no *Grudis* a pouca atenção que este tema tem recebido da parte dos investigadores Portugueses (mas não só). O artigo incluído nesta *Grudisletter* continua o diálogo e a sua leitura firma a ideia de que esta é uma área com grande potencial para investigação.

Como é amplamente reconhecido, os Seminários *Grudis* são marcos fundamentais na existência do nosso grupo. Este ano o Seminário decorreu na Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Disso nos dão conta o João Ribeiro e o João Oliveira na crónica que assinam. Este ano tive o privilégio de participar no nosso Seminário. Foi uma experiência relativamente à qual apenas posso atribuir os melhores adjectivos: excelente e enriquecedora. A participação no Seminário reforçou a minha convicção que estamos no caminho certo e que o trabalho que temos feito ao longo dos quase 10 anos de existência está a contribuir para a missão que nos propusemos desempenhar. Saí do Seminário com grandes esperanças para o futuro. Foi extremamente gratificante ver novos talentos emergir e testemunhar o progresso notável que a investigação na nossa área conheceu na última década.

O José Moreira partilha connosco mais uma das suas “Notas sobre Contabilidade”. Começa por nos contar uma vivência pessoal para depois nos levar a reflectir sobre a fraca reputação que a profissão de técnico contabilista goza na sociedade Portuguesa. E termina com uma questão provocatória: “Haverá forma de alterar este estado de coisas?”. É minha convicção que a resposta é afirmativa, mas penso que a solução do problema requer mudanças de atitude ao nível dos próprios contabilistas, ao nível das instituições de ensino (a começar pelo seu corpo docente) e, finalmente, ao nível da sociedade em geral. É, sem dúvida, uma questão complexa e que terá de ser objecto de debate e discussão pela comunidade *Grudis*, atendendo a que nos propomos... *eleva a notoriedade e o estatuto desta área [Contabilidade] de investigação no país...*. Será, no mínimo, difícil elevar o estatuto da investigação sem elevar o estatuto da profissão.

Finalmente, e como tem sido hábito nas nossas *Grudisletters*, damos conta das publicações recentes que os membros do *Grudis* nos deram conhecimento. Penso que a produção científica é maior do que a aqui reportada, pelo que peço a todos que colaborem com a prestação desta informação quando solicitada. É de grande importância darmos a conhecer as publicações dos nossos membros. Parabéns a todos os colegas que foram bem sucedidos em termos de publicações num passado recente. As vossas publicações são motivo de alegria e orgulho para todo o *Grudis*.

Aldónio Ferreira

Índice

| | |
|--|---|
| Editorial | 1 |
| X Seminário Anual do <i>Grudis</i> | 2 |
| XBRL: Linguagem universal para a informação financeira | |
| Actividades dos Grudistas | 4 |
| Notas sobre Contabilidade | 5 |

Grudis

Rede Portuguesa de Investigação em Contabilidade

Coordenação

Paulo Alves
Filomena Antunes Brás
Aldónio Ferreira
José Moreira
João Oliveira
Rui Vieira

O *Grudis* informa que a informação prestada na *Grudisletter* é da responsabilidade dos autores que assinam os textos e das respostas recebidas acerca das publicações pelos grudistas.

X Seminário Anual do Grudis - Um marco no percurso do Grudis

Realizou-se no passado dia 22 de Janeiro, na Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP.UP), mais um Seminário *Grudis*. Por vários motivos, é possível considerar que este foi um Seminário marcante para o nosso grupo.

Marcante, em primeiro lugar, porque se tratou do 10º Seminário, número sempre importante e que culmina uma década de consistente crescimento, quer em termos de número de participantes, quer na qualidade das comunicações.

Marcante também porque este evento marcou o regresso a uma casa que tinha acolhido um dos primeiros seminários (em Outubro de 2003) e que é uma instituição central na evolução da Contabilidade em Portugal. A FEP.UP acolheu-nos uma vez mais de braços abertos, garantindo todas as condições logísticas necessárias a uma organização deste tipo. Detalhes como a pequena garrafa de vinho do Porto e a oferta da histórica "Problemática" do Professor Sarmento (um obrigado muito especial ao Professor Hernâni

Carqueja) foram pequenos extras que os participantes levaram como lembrança deste encontro.

Marcante ainda porque se registou uma das maiores participações na história dos seminários *Grudis*, com cerca de 4 dezenas de inscrições.

Marcante, finalmente, porque um número recorde de candidaturas permitiu um número também recorde de apresentações (6 artigos e 4 projectos de doutoramento). A necessidade de seleccionar as candidaturas evidenciou de forma definitiva a necessidade de, em futuras edições, estabelecer práticas e critérios de seleção que confirmarão o nosso Seminário como aquilo que ele, claramente, já é: uma verdadeira conferência de cariz científico.

João Ribeiro

João Oliveira

As fotos do Seminário estão disponíveis em

<https://picasaweb.google.com/joao.pedro.oliveira/GrudisFEP20110122?authkey=Gv1sRgCK6WgPT2o8qIHg&at=directlink>

Texto escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.



XBRL: Linguagem universal para a informação financeira

A sigla XBRL representa no Inglês *eXtensible Business Reporting Language*. Numa possível tradução para o Português podemos ter XBRL como uma linguagem de reporte financeiro extensível. É uma linguagem pois, é um padrão uniforme de comunicação entre duas máquinas, que normalmente comunicam informação de reporte financeiro e tem a possibilidade de ser estendida à medida das necessidades de reporte dos seus utilizadores.

A ideia de criar esta nova linguagem surgiu a partir de Charles Hoffman, um auditor nos Estados Unidos (CPA – *Certified Public Accountant*), que considerou os processos de reporte financeiro da altura bastante repetitivos e tediosos. Inicialmente e, isto por volta de 1998, Charles Hoffman elaborou diversos protótipos de relatórios financeiros e programas de auditoria codificados em XML (*eXtensible Markup Language*) mas desde logo se apercebeu que esta linguagem de marcação extensível é bastante geral e limitada para as suas intenções [Hof01]. Dessa forma, com o apoio da AICPA (*American Institute of CPAs*) e de mais doze empresas líderes em auditoria e informática, decide criar uma linguagem apropriada para o reporte financeiro.

O XBRL surge, portanto, da linguagem mãe XML mas direccionado para a área financeira. Esta linguagem mãe é já conhecida e utilizada por várias instituições Portuguesas como “uma nova forma de entrega de obrigações declarativas de natureza contabilística, fiscal e estatística” [Ies07]. Actualmente as empresas nacionais podem comunicar os seus relatórios financeiros ao Banco de Portugal, Ministério das Finanças e da Administração Pública, Ministério da Justiça e Instituto Nacional de Estatísticas de uma forma automática, sem custos ou recursos adicionais e sem muito esforço através do XML. Estas vantagens são alcançadas pelas empresas que possuam sistemas integrados de gestão (ERPs) ou

simples sistemas de contabilidade (Sage, Primavera, etc) que incorporam a capacidade de exportar os relatórios financeiros no formato XML tal como definido no Portal das Finanças [Efi03].

Estamos, assim, perante uma situação ideal em que a máquina pertencente a uma empresa comunica com a máquina de uma instituição reguladora sem que haja intervenção humana e que [Alv01]:

- reduz a necessidade de introduzir a informação financeira mais do que uma vez, reduzindo o risco de erros na introdução de informação e eliminando a necessidade de introduzir a informação manualmente para vigorar em vários formatos, diminuindo dessa forma o custo de preparar e distribuir a informação financeira,
- aumenta a eficiência da Internet, como a primeira fonte de informação financeira e vai de encontro às necessidades actuais dos investidores e outros utilizadores de informação financeira ao indicar informação precisa para a tomada de decisões.

Contudo e, mesmo perante estes benefícios que as linguagens de marcação possuem, a linguagem XML usada desta forma tem a desvantagem de ser uma linguagem proprietária. No caso acima referido, para a aplicação IES, os ficheiros XML a serem utilizados foram definidos e estruturados de uma forma rígida. Uma outra instituição reguladora pode definir e estruturar outros ficheiros XML de uma outra forma havendo depois dois formatos diferentes de XML. O XBRL surge no sentido de criar uma definição e estrutura universal de ficheiros para recolha de informação financeira criando-se assim um padrão específico e apropriado.

Um pouco por todo o mundo, as entidades reguladoras têm vindo a mandar o XBRL como o formato de recolha e arquivamento de relatório financeiros [Xbp11]. Nos EUA, a FDIC (*Federal Deposit Insurance Corporation*) usa-o para recolha de relatórios de conformidade. A SEC (*Securities*

and Exchange Commission) usa o XBRL para a recolha de informação financeira de mais de 9 mil empresas americanas. Na China, a CSRC (*China Securities Regulatory Commission*) também usa o XBRL para a recolha de informação financeira de empresas cotadas em bolsa. A nível Europeu será usado pela EBA (*European Banking Authority*) para cumprimento dos relatórios que se fixam em três pilares e 25 princípios básicos sobre contabilidade e supervisão bancária, exigidos pelo Acordo de Capital de Basileia II. E mesmo aqui ao nosso lado, em Espanha, as empresas têm de reportar em XBRL à CNMV (*Comisión Nacional del Mercado de Valores*).

Os benefícios das linguagens de marcação para a comunicação de informação financeira são evidentes e muitos reguladores já o reconheceram. Contudo a linguagem de reporte financeiro extensível, o XBRL, é a linguagem mais apropriada a usar.

Joel Vicente

Abreviaturas e referências:

CPA – Certified Public Accountant

AICPA – American Institute of CPAs:
<http://www.aicpa.org/>

ERPs - Enterprise Resource Planning

[Hof01] Hoffman, C. and C. Strand (2001), “XBRL Essentials”, AICPA

[Ies07]
http://www.ies.gov.pt/site_IES/site/home.htm

[Efi03] <http://www.e-financas.gov.pt/ajuda/DGCI/FAQSI.htm>

[Alv01] Alves, P.A.; Silva, P.A.G. (2001b) As Novas Tecnologias como Veículo de Transmissão da Informação financeira, 13th Asian Pacific Conference on International Accounting Issues, Rio de Janeiro, Brasil

[Xbp11] <http://xbrlplanet.org/>

ACTIVIDADE DOS GRUDISTAS

Publicações

Ano 2010 (conclusão)

Eugénio, T., (2010). 'Avanços na divulgação de informação social e ambiental pelas empresas e a teoria da legitimidade'. *Revista Universo Contábil*, 6 (6):102-118.

Monteiro, S. and Guzmán, B.A., (2010). 'Factores determinantes de la implementación/certificación de un SGMA en las grandes empresas que operan en Portugal '. *Portuguese Review of Management for Sustainability*, 1:33-59.

Monteiro, S. and Guzmán, B.A., (2010). 'Organizational and accounting change within the context of the environmental agenda: evidence from Portugal '. *Journal of Accounting and Organizational Change*, 6 (4):404-435.

Viana, L., (2010). 'Irá o SNC Contribuir para a Qualidade da Informação Contabilística?' *Revista de Contabilidade & Finanças* (100):12-14.

Viana, L., (2010). 'O Novo Regime em IRC dos Instrumentos Financeiros Derivados'. *TOC – Revista da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas* (128):59-62.

Vieira, E. and Novo, J., (2010). 'A Estrutura de Capital das PME: Evidência no Mercado Português'. *Revista Estudos do ISCA* (2).

Nota: As referências aqui apresentadas são as que nos foram disponibilizadas pelos membros do Grudis.

Notas sobre Contabilidade

Enviara-me uma mensagem prévia a pedir um encontro. Quando apareceu notava-se que estava tensa. Fora minha aluna dois anos antes, numa disciplina de Contabilidade, da licenciatura em Economia. Vinha pedir-me uma carta de recomendação para acompanhar a sua candidatura ao Mestrado em Contabilidade. Disponibilizei-me para a passar, pedindo que me remetesse o respectivo CV para me facilitar a escrita da mesma. Antes de ela se despedir, perguntei-lhe qual era a média de licenciatura que esperava obter. Respondeu-me, um pouco envergonhada, que deveria rondar os 12 valores.

Não me surpreendeu a média modesta que esperava. Não há um estudo formal sobre o assunto, mas os alunos que procuram o Mestrado em Contabilidade a que me refiro caracterizam-se, em geral, por apresentarem uma das seguintes características: são provenientes do ensino politécnico, vulgo Institutos de Contabilidade; ou são ex-alunos da própria Faculdade, licenciados em Economia ou em Gestão, e, neste caso, tendem a apresentar médias de licenciatura que muito raramente ultrapassam os 12 valores.

Relativamente a estes últimos, é difícil oferecer uma explicação devidamente sustentada para o padrão de procura do referido mestrado. Porque será que os potenciais interessados são os jovens licenciados que terminaram a licenciatura com as médias mais baixas? Será que só optam por uma pós-graduação na área da Contabilidade os jovens licenciados que não conseguem perspectivar alternativa de percurso profissional?

Tenho consciência de que uma hipotética resposta afirmativa à última destas perguntas é redutora, sendo, no mínimo, pouco simpática para a classe dos técnicos contabilistas. Porém, há evidência que parece sustentar uma resposta dessa natureza. Basta pensar que, ao nível do ensino público, a generalidade dos alunos que acaba por se inscrever em licenciaturas da área da Contabilidade e ou Auditoria – o grosso dos futuros técnicos contabilistas – parece fazê-lo como segunda ou terceira opção, depois de se defrontar com a impossibilidade de entrar em Economia ou em Gestão.

Olhando aos licenciados nestas duas áreas, quando acabam o curso as suas saídas profissionais são alinhadas por uma espécie de *ranking* profissional que tende a ser função da média final obtida na licenciatura. Em termos aproximados e apenas com objectivos ilustrativos, se tal média é igual ou superior a 15 valores, as colocações e ou estágios tendem a ocorrer ao nível das grandes empresas de auditoria ou de consultoria; se se situa entre os 13 e os 15 valores, o destino profissional mais provável é a banca; se inferior a 13 valores, muito provavelmente o jovem licenciado vai começar o seu percurso numa pequena ou média empresa onde, entre outras ocupações, o espera o pelouro da Contabilidade.

Parece existir, pois, um carácter residual na escolha de um percurso profissional, ou de uma especialização académica, na área da Contabilidade. A tal facto não são alheias as remunerações potenciais oferecidas em cada uma das mencionadas saídas profissionais, que são diferentes e decrescem à medida que se passa das grandes auditoras e consultoras para as pequenas ou médias empresas.

Admitindo-se que essas remunerações estão ligadas ao valor criado por cada profissional, tem de se concluir que os técnicos contabilistas estão no fim da linha em termos de criação de valor para as empresas. Pelo menos, em termos da criação de valor percebida pelos empresários que os empregam.

Haverá forma de alterar este estado de coisas?

José António Moreira